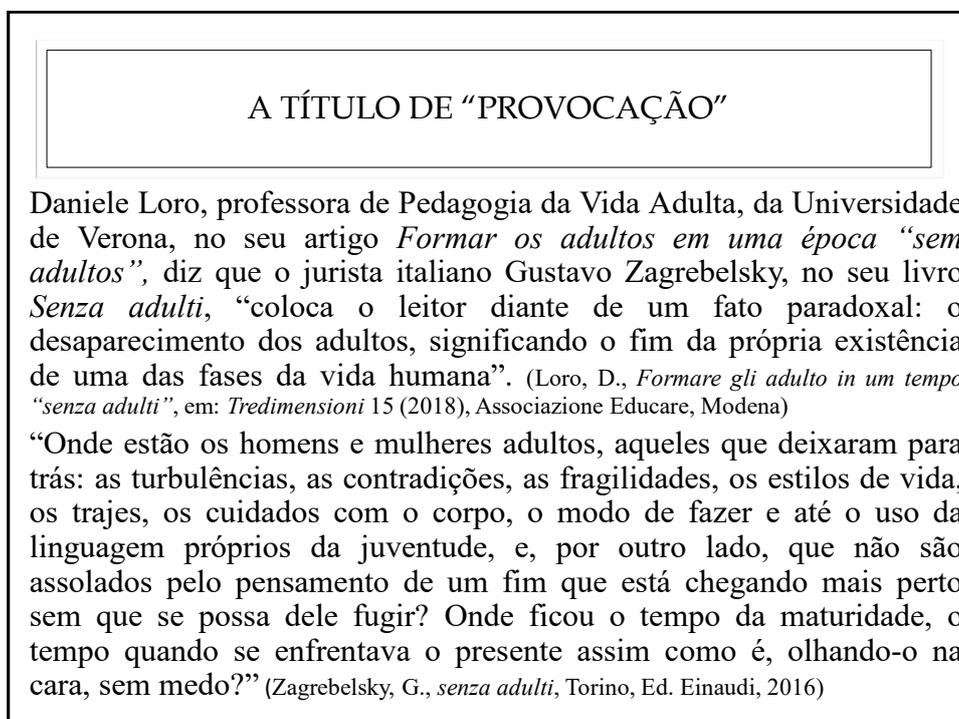


1



2

QUEM É CONSIDERADO “VOCAÇÃO ADULTA”

Adultos que **exercem uma profissão na sociedade** e que a partir de uma consciência vocacional desejam **mudar** para a Vida Consagrada e/ou para o ministério presbiteral ou diaconal na Igreja.

Pessoa disposta a se preparar ao ministério ordenado e/ou à radicalidade da VC **enquanto** continuam (um período) “no mundo”, comprometendo-se cada vez mais com a vida cristã no seu trabalho e na vida comunitária e social, fazendo assim a passagem para uma vida nova, mostrando que são capazes de viver autonomamente e livremente para se tornar missionário no mundo que conhece por experiência.

Pessoa que, pela sua idade cronológica e psicológica (e seu grau de maturidade alcançada) não encontra um ambiente formativo favorável nas nossas atuais estruturas formativas e **por causa disso** não têm chance de realizar o seu desejo vocacional.

3

MUDANÇA DE MENTALIDADE

“Vocações adultas” sempre existiram; na verdade era a regra. Somente a partir do Concílio de Trento (1545-1563) abriu-se a possibilidade de iniciar a caminhada formativa com 12 anos de idade (seminários)

É necessário voltar às raízes e promover uma mudança na mentalidade de pensar a questão vocacional: menos nós (instituições), mais a pessoa vocacionada enviada por Deus: os candidatos que desejam fazer a **passagem** de uma profissão secular profana para a Vida Consagrada e/ou o ministério eclesial **merecem atenção especializada** e sintonizada com as suas necessidades e possibilidades.

Promover a mentalidade em aceitar que Deus chama quem, como, quando, onde quiser. O texto de Mt. 9: “A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi pois ao dono da messe que envie trabalhadores para a colheita!”, não especifica nenhuma idade ou outra característica. É pedir e acolher os idôneos

4

PARTIR DA PESSOA

- Temos a tendência de funcionar como uma empresa que admite pessoas: ela serve para nós, estamos precisando? “Não queremos ‘velhos’ pois temos jovens o suficiente”. Nós decidimos quem!
- Pensar sobre aceitar “vocações adultas”, não poucas vezes, é fruto de uma necessidade *nossa* (nicho no mercado), sem pensar antes em oferecer mais possibilidades formativas para que adultos possam realizar o seu sonho de ser uma pessoa consagrada/presbítero.
- Ela sempre deve se adaptar à nossa estrutura (formativa) sem nos questionarmos se esta nossa estrutura serve para que ela possa se desenvolver otimamente assim como Deus a quer.
- Por outro lado, dificilmente nos colocamos no lugar da pessoa para perguntar: “A pessoa vai se realizar (conosco)? Ela poderá ser feliz como religioso(a), presbítero?” A Igreja é mãe, não empresa.

5

QUEM SE ADAPTA A QUEM?

“Deus se adapta a nós para que possamos entrar em um diálogo profundo com Ele. Para fazer-se interceptar, Deus – em sua infinita condescendência – se adapta à nossa linguagem, ao nosso estilo de personalidade. Com Abraão usa o diálogo afetuoso; com Jacó se coloca em luta; com Moisés se mostra ciumento; com Oséias se faz dócil..., com Ignácio de Loyola o diálogo é batalhador e sistemático; com Tereza d’Ávila a relação é passional e fortemente erótica; com Teresa de Lisieux a relação é fundada sobre a simplicidade e a ingenuidade da infância”. (Nicola Ban – Krzysztof Gasperowicz – Fátima Godinho – *Revista Tre Dimensioni – Ancona, ano VII Janeiro /Abril 2010.*)

E a Igreja também se adapta à pessoa? Se depender do Papa Francisco sim!

6

*DISCURSO DO SANTO PADRE PAPA FRANCISCO DURANTE O
ENCONTRO COM O EPISCOPADO BRASILEIRO NO
ARCEBISPADO DO RIO DE JANEIRO EM 27 DE JULHO DE 2013*

“Queridos Irmãos no Episcopado, é preciso ter a coragem de levar a fundo uma revisão das estruturas de formação e preparação do clero e do laicato da Igreja que está no Brasil. Não é suficiente uma vaga prioridade da formação, nem documentos ou encontros. Faz falta a **sabedoria prática de levantar estruturas duradouras de preparação** em âmbito local, regional, nacional e que sejam o verdadeiro coração para o Episcopado, sem poupar forças, solicitude e assistência. A situação atual exige uma formação qualificada em todos os níveis. Vocês, Bispos, não podem delegar este dever, mas devem assumi-lo como algo de fundamental para o caminho das suas Igrejas.”

7

NÃO VAMOS APRESENTAR A COISA MAIS BONITA DO QUE ELA É:
ALÉM DA QUESTÃO ESTUTURAL FORMATIVA HÁ DOIS GRANDES
DESAFIOS:

1. Provocar no adulto a grande mudança do “ser eficiente” (o que aprendeu no século) para “ser (pastoralmente) eficaz”. Formar para sensibilidade *pastoral*, para ser pastor, pescador, missionário. Este é um dos maiores desafios do trabalho com adultos que desejam deixar o século para se consagrar totalmente a Deus, dedicando a sua vida ao “labor da fé”. Em vez de predominantemente resolver, o adulto deve aprender mais a contemplar. Não podemos “resolver” as questões das pessoas, mas podemos e devemos contemplar na pessoa o que Deus nela está realizando e caminhar junto com ela (de que estão falando pelo caminho?).

Isso também inclui que a pessoa deve aprender a ter disponibilidade de deixar de confiar nas suas habilidades profissionais (que talvez davam segurança) para se lançar no novo, no desconhecido onde (ainda) não tem seguranças. É soltar, para poder pertencer cada vez mais ao Senhor. (não há garantia que “usará” sua antiga profissão na VC/presbiteral)

8

2. ASSUMIR-SE

outra mudança, ou critério importante durante a caminhada, é que a pessoa adulta não seja passiva mas se assume. Significa?

Muitas vezes formandos jovens são acompanhados individualmente porque faz parte do programa formativo. Nem sempre eles têm a convicção de que o autoconhecimento é essencial para o crescimento e por isso não se assumem totalmente. A motivação para crescer de fato, portanto, nem sempre é forte e, por isso, algumas necessidades e defesas podem continuar influenciando fortemente durante o resto da vida. Há, porém, a esperança de que depois dos Votos ou da Ordenação, quando aparecem as dificuldades, eles buscam ajuda por iniciativa própria, mas isso nem sempre acontece. O acompanhamento de jovens, portanto, muitas vezes, não passa de criar uma (possível) predisposição para aprofundar o autoconhecimento mais tarde na vida, em um momento que abrem os olhos para a realidade, se é que abram.

Se um adulto, porém, não “enxerga” ou não consegue se assumir totalmente antes dos Votos ou da Ordenação, a dúvida sobre a continuação da caminhada aumenta consideravelmente porque se ele não se assume agora, muito dificilmente o fará depois. (falta a docibilitas como diz Cencini, ou a predisposição como diz Manenti). “Adulto” não é sinônimo de “maduro”.

9

A IMPORTÂNCIA DE UMA FASE DE PASSAGEM

Tendo uma profissão na sociedade, tendo estabilidade social, e mesmo sendo adulto na fé, é um grande risco, seja para o candidato, seja para a diocese/congregação, deixar tudo para trás de vez. É necessário uma **fase de passagem**, de **transformação** para poder discernir e decidir (Diocese, Congregação e candidato).

Sair devagar “do mundo” enquanto vai entrando mais e mais na Igreja congregação/diocese.

Não ter pressa, nem “fome vocacional”, não se importar com números. Aceitar a realidade de que cada adulto vocacionado dá muito trabalho porque é um mundo.

10

DIFERENCIAL JOVEM E ADULTO

LEMBRAR QUE "ADULTO" NÃO É SINÔNIMO DE "MADURO" E QUE IDADE CRONOLÓGICA NÃO É GARANTIA DE MATURIDADE

11

PAVONE, D. *SULLA FORMAZIONE DEGLI ADULTI*,
EM: *TREDIMENSIONI* 9 (2012), PP. 270-277

“Normalmente os esquemas cognitivos, afetivos e conativos típicos da vida adulta se diferenciam daqueles de fases anteriores pelo **grau de integração** e, portanto, não somente no nível quantitativo, mas também, e sobretudo, no nível qualitativo. Isso significa que o adulto não é uma criança crescida que sabe mais ou sente mais (algo que se dá a entender quando o adulto é colocado no seminário com adolescentes/jovens. – obs. minha). Ele *conhece* de maneira diferente porque é capaz daquela objetividade mediada pelos significados, possibilitada pelas estruturas mentais com as quais é dotado. Agora ele possui não somente um espectro mais amplo de *emoções*, mas também as vive de modo mais intenso ou *pacato*. (continua →)

12

PAVONE, D. *SULLA FORMAZIONE DEGLI ADULTI*,
EM: *TREDIMENSIONI* 9 (2012), PP. 270-277

A imagem sentida de Deus que o adulto é capaz de ter também é qualitativamente diferente de antes. Trata-se daquela representação mental da qual depende, de uma maneira ou de outra, a relação que é capaz de estabelecer com Ele. Torna-se evidente, assim, que **o desenvolvimento religioso não se resolve aumentando o espectro do saber ou do sentir Deus, mas se realiza na conquista estrutural de uma modalidade mais madura e integrada de vê-Lo, de senti-Lo e de “vivê-Lo”**. Com essas considerações, o formador se torna mais consciente de que a vida adulta é a fase da vida não da diferenciação, da identificação e da experimentação, como é a fase precedente, mas, sim, da integração e da internalização e, portanto, da adesão livre e consistente ao bem em si.” (o que exige outra pedagogia; mais aquela de aprender fazendo e experienciando ‘*learning by doing*’, mais do que predominantemente adquirir mais conhecimento e viver as regras).

13

ACOMPANHAMENTO DE VOCAÇÕES ADULTAS, E POR QUEM

ADMISSÃO; EDUCAÇÃO-FORMAÇÃO; FINALIZANDO

14

SOBRE OS EDUCADORES, FORMADORES, ACOMPANHADORES E PROFESSORES

1. Equipe competente, disponível e diversificado (não só “uma tarefa a mais”)
2. Importância de ter um ou alguns “seniores” na equipe e entre os professores
3. Importância da presença feminina durante o processo formativo
4. Transferência e contratransferência: relações profissionais. A equipe está a serviço dos formandos, não o contrário. Maturidade dos membros da equipe e colaboradores.
5. Educadores e formadores pagam um preço: “sozinho no topo”
6. Boa vontade não é suficiente; necessidade de (alguns) especialistas
7. Ter coragem de confrontar (a falta de saber/querer confrontar é um dos grandes pecados na formação)
8. Formandos adultos também são educadores/formadores um do outro e corresponsáveis pelos futuros colegas (preparando o convívio na congregação/no presbitério): feed-back, correção fraterna, avaliação mútua.

15

PONTOS DE ATENÇÃO DURANTE O PROCESSO DO DISCERNIMENTO PARA *PRÉ ADMISSÃO*: FASES DA PV

O Serviço de Animação Vocacional e do discernimento preliminar, são, paradoxalmente, de um lado, áreas já bem trabalhadas, e, por outro lado, falando especificamente de vocações adultas, (quase) inexistente. Aliás, também a reflexão sobre a vocação ao diaconato permanente e a vocação à vida de leigo consagrado é pouco presente nas pregações em geral e nos encontros vocacionais. Se o Serviço de Animação Vocacional, sendo a primeira das 4 fases da Pastoral Vocacional visa conscientizar as comunidades de que toda a Igreja é vocacionada e que dentro dela cada um deve descobrir o seu chamado específico, a segunda fase da PV seria ajudar os indivíduos a discernir a sua vocação e, caso se trate de vocacionados à vida consagrada e/ou presbiteral, após ter apresentado todos os carismas e espiritualidades, encaminhá-los para as devidas casas de formação onde será feito um processo de discernimento para admissão ou não.

16

PONTOS DE ATENÇÃO DURANTE O PROCESSO DO
DISCERNIMENTO PARA *PRÉ ADMISSÃO*: FASES DA PV

A terceira fase da Pastoral Vocacional seria todo o processo de formação inicial propriamente dito, e a quarta fase consiste na formação continuada ou permanente, no caso do clero diocesano, sob os cuidados da Pastoral Presbiteral, extensão da Pastoral Vocacional. É a Pastoral Presbiteral-diaconal que cuida dos que cuidam, que auxilia as pessoas consagradas e os ministros ordenados a viverem bem a sua vocação.

17

PONTOS DE ATENÇÃO DURANTE O PROCESSO DO
DISCERNIMENTO PARA *ADMISSÃO*

1. Com adultos se apela à responsabilidade da pessoa em questão (ele é o sujeito)
2. Averiguar se a pessoa tem uma correta e realista visão do que venha a ser religioso/ministro ordenado e explicar as consequências da incardinação/entrega numa congregação. As vezes pecamos no sentido de não explicarmos suficientemente o básico do que ele precisa saber (diácono não contrai matrimônio caso viubar), ou é apresentada uma realidade mais bonita do que na verdade é.
3. Não pressupor nada: há poucos católicos “conscientizados”. Pode ser um grande empresário ou ter uma função elevada na sociedade, mas em questão de fé e Igreja, não poucas vezes é “ignorante”. Mesmo assim há um germe de vocação à ser desenvolvida.
4. As consequências para a situação familiar (mais ainda para futuros diáconos permanentes como, por ex., a idade dos filhos); pessoas que dependem do vocacionado (mães, doentes, etc)

18

CONT. *ADMISSÃO*

5. Eventual casamento misto no caso do diácono permanente
6. Perda emocional recente (culpa, compensação e/ou transferência)
7. Visão realista da Igreja, da vocação, da sua própria pessoa (por ex.: ex-seminaristas quando adolescente, egressos, outras regiões do país)
8. Efetividade pastoral e “perfeccionismo” (rigidez, moralismo, “rubricista”, clericalismo, etc)
9. Estrutura e (em segundo lugar) tipo de personalidade (não admitir o paranoide, o antissocial e o narcisista puro)
10. Capacidade de liderança e do trabalho em equipe (esp. diocesanos)
11. A dimensão afetiva-sexual
12. Auto aceitação e auto revelação: a pessoa é “formável”, se “revela”, é transparente, honesta e aberta?
13. Como lida com bens materiais: tem? Saberá se dispor? Retrocesso em \$\$
14. Estudos anteriores não terminados, muitas mudanças de emprego, etc

19

PONTOS DE ATENÇÃO DURANTE O PROCESSO DA *FORMAÇÃO INICIAL*

1. Desenvolvimento da identidade e conflitos de papéis (o papel atribuído nem sempre coincide com papel recebido. O ministro vai conhecer vários campos de tensão e necessitará firmeza (não autoritarismo nem rigidez mas flexibilidade na autenticidade)
2. Experiência de vida só não é o suficiente (pode ser usado como “desculpa”); mais importante é saber o que foi aprendido com a experiência e como é integrado na totalidade da vida (enquanto jovens ainda devem apreender a apreender)
3. Lidar com crises (existencial, vocacional, perdas e frustrações, em relação aos outros, entre outros); resiliência
4. Medo de ser “mandado embora”(muito infantil mas as vezes reforçado pelos “formadores” que só querem saber de “avaliar”, escrutínios)
5. Vida regular de oração na vida cotidiana; como integrar isso com emprego etc.

20

PRIMAZIA DA GRAÇA E DIREÇÃO ESPIRITUAL

A partir do momento que se inicia um processo de discernimento, a pessoa deve ter orientação espiritual, e isso antes do acompanhamento no nível humano ou psicoespiritual.

Antes de mais nada devem ser fortalecidos os valores morais e espirituais, e a vivência dos mesmos, na pessoa.

A vivência se verifica, além da vida em comunidade, na família, no serviço (emprego) e na paróquia da pessoa. Todos estes lugares devem ser visitados pelos responsáveis do processo formativo.

O acompanhamento personalizado no nível humano (ou psico-espiritual) só terá início quando há dificuldade na vivência dos valores próprios da vocação pela qual a pessoa quer se preparar. (diferença colóquio e terapia). Em outras palavras: esta pessoa necessita o que?

No caso de adultos o processo de discernimento é mais rápido do que com jovens: não se “arrasta” por muitos anos esperando crescimento

21

É DADA MUITA IMPORTÂNCIA TAMBÉM AO ACOMPANHAMENTO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Como ideal são, além da sempre praticada Direção Espiritual, duas as formas principais de acompanhamento: CCV e Supervisão

- I. Colóquios de Crescimento Vocacional: Aqui não se trata de psicanálise ou de psicoterapia pois nossas casas não são centros terapêuticos. O CCV serve para ajudar a pessoa a se tornar mais livre internamente à fim de, colaborando com a graça divina, poder responder mais generosamente ao chamado do Senhor. O CCV, na maioria dos casos, acontece cada quinze dias (melhor seria semanalmente), durante os encontros formativos. É um processo de auto conhecimento. Para este tipo de acompanhamento necessita-se de profissionais preparadas nas áreas seja de psicologia seja de espiritualidade e na integração das duas áreas numa visão bíblica/teológica/holística da pessoa vocacionada.

22

PARA A VIDA CONSAGRADA

- 1. Distinguir entre, de um lado, o fenômeno “Vocações Adultas” e a abordagem própria e apropriada do SAV e da PV, e por outro lado, o processo e as etapas formativas, que serão parcialmente diferentes para congregações masculinas (presbiterais) e femininas, e para o clero diocesana.
- 2. O próprio da V.C.: a vida comunitária – como fazer a passagem gradual, sem pressa, de uma vida de trabalho para a vida consagrada em comunidade
- 3. Resumindo, o grande “divisor de águas” entre o pensar em, e trabalhar com jovens e adultos está em:
 - Predisposição para mudar as nossas estruturas. E depois:
 - A. A *gradualidade* na passagem do “século” para a “eclesial”; evitar frustrações e decepções dos dois lados e saber-se corresponsável pelo “sucesso” da caminhada da pessoa vocacionada
 - B. A mudança de eficiência para eficácia
 - C. O processo de admissão
 - D. Considerar as condições e possibilidades do sujeito (cada formando exige tempo)
 - E. Responsabilizar o adulto pela sua caminhada formativa

23

TRANSIÇÃO GRADUAL DOS QUE NÃO TÊM COMUNIDADE RELIGIOSA POR PERTO

A dificuldade ou desafio maior, porém, e principalmente para as congregações religiosas, é em relação às pessoas interessadas que moram em lugares onde não há comunidade religiosa (por perto), mas também em relação aos homens que desejam ser presbítero diocesano mas que não são aceitos na diocese de origem só e unicamente por causa da sua idade, sem considerar outros fatores para discernimento. Como então fazer este possível processo gradual de transição de um estilo de vida para outro? No instituto de formação de adultos para o clero diocesano foi aberta a possibilidade de a pessoa, após ter feito o discernimento inicial, deixar a sua terra natal e vir, - por escolha, responsabilidade e risco de ela mesma - morar autonomamente, encontrar emprego e participar ativamente em uma paróquia no território da diocese gestora do instituto, para, após discernimento feito *durante os primeiros anos da formação inicial*, futuramente ser incardinado na diocese onde se encontra o instituto.

24

VIDA COMUNITÁRIA

No caso das congregações, porém, continua em aberto o fator “vida comunitária”. Consciente de que a reflexão sobre possíveis caminhos pré-admissão nem bem iniciou, arrisco mencionar alguns fatores que me parecem abrir possibilidades para um novo modo de trabalhar com os adultos. Em primeiro lugar vem o fator tempo: parece-me que dois a três anos antes de admitir um vocacionado (que seja empregado) na comunidade religiosa não é demais. Em segundo lugar, julgo que a comunidade de fé de origem pode/deve ser mais envolvida: durante este tempo de dois a três anos a pessoa interessada deve participar (muito) ativamente na sua comunidade de fé de origem e ser bem conhecida naquela comunidade ao ponto de algumas pessoas-chaves poderem emitir um juízo sobre a sua pessoa, suas atividades e sua sensibilidade pastoral, sua convivência comunitária, etc.

25

VIDA COMUNITÁRIA

A pessoa contata com a congregação (formador itinerante) também entrará em contato com pessoas do local de trabalho do vocacionado a fim de obter mais informações sobre ele. O terceiro aspecto é que o vocacionado participe cada vez mais (mais vezes e mais tempo) de uma comunidade da congregação. Conforme a distância entre a casa do vocacionado e a comunidade religiosa este aspecto exigirá, por um lado, investimento de energia e de dinheiro, e, por outro lado, uma motivação bastante forte e perseverança daquele que diz ser chamado.

Estariamos falando de uma nova fase formativa (para a VC), mais preparatória, ou fazer uma das fases já existentes de forma diferente, ou seja, enquanto a pessoa vocacionada ainda não entrou plenamente na comunidade.

Que o Senhor nos ilumine à encontrar os caminhos desejados por Ele.

26